

## A SUPRESSÃO DA LÍNGUA BIAFADA E A AUSÊNCIA DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NA GUINÉ-BISSAU

Bacar Dabó<sup>1</sup>

**Resumo:** O fenômeno da ameaça da extinção dos idiomas tem ganhado atenção dos estudos de Sociolinguística e Ecolinguística. A internacionalização dos idiomas, impulsionada pela expansão colonial e depois pela globalização, acompanhada dos outros fatores como catástrofes naturais, genocídios, epidemias, migração, e a pressão das línguas oficiais e econômicas transformam parte dos idiomas em minoritários, causando o desuso, desvitalização e desvalorização, considerando que um idioma se sujeita à extinção quando seus falantes usam essa língua em um número cada vez mais reduzido nos domínios comunicativos ou deixam de transmiti-la de geração em geração, a situação em que se encontra a língua Biafada, surgiu a necessidade de investigar por meio de abordagem qualitativa e bibliográfica, os fatores que influenciam na supressão das línguas étnicas da Guiné-Bissau, nomeadamente a língua Biafada. Sendo um país multilíngue e intercultural, contendo mais de 20 línguas étnicas: *Biafada, Manjaca, Papel, Mancanha, Balanta, Fula, Mandinga, Felupe, Bijagó, Djólas, Bayotes, Tandas, Bambaras, Nalus, Sussus, Cassancas, Saraculés, Padjadincas, Banhus, Banhucus, Djacancas, Soninkés, Nhómincas, Cobianas*, entre outras, houve época em que estes grupos étnicos viviam em comunidades isoladas ou seja, havia pouca interação étnica entre as comunidades, o que lhes atribuía *status* das línguas sólidas e hereditária dentro das suas comunidades, deixando assim, pouca probabilidade de um falante nascer e crescer sem saber falar a língua do seu grupo étnico. Com o estudo, percebe-se que as interações étnicas forçadas pela colonização, luta pela independência nacional, escolarização e a urbanização pós-independência, culminando com ascensão e prestígio da língua portuguesa e o crioulo entre outros aspectos, ocasionaram a supressão das línguas étnicas da Guiné-Bissau. A língua Biafada sendo uma idioma utilizado oralmente, por todas as gerações, mas apenas alguns membros da geração o transmitem aos filhos, torna-se possível evidenciar que está perdendo espaços de uso em termo de números dos falantes; o que demanda a elaboração das estratégias que visem conscientizar os Biafadas na preservação e transmissão de seu patrimônio linguístico, começa no foco na oralidade - poesia étnica, lendas e mitos, história e na sistematização por meio da escrita.

**Palavras-chaves:** Supressão das Línguas; Línguas Étnicas da Guiné-Bissau; Quinara; Biafada.

---

<sup>1</sup> Email: [banhaldybubal@gmail.com](mailto:banhaldybubal@gmail.com). Artigo apresentado para conclusão de Curso, ao Instituto de Linguagens e Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa.  
**Orientadora:** Professora Doutora Andrea Cristina Muraro

**Abstract:** The phenomenon of the threat of language extinction has gained attention in Sociolinguistics and Ecolinguistics studies. The internationalization of languages, driven by colonial expansion and later by globalization, accompanied by other factors such as natural catastrophes, genocides, epidemics, migration, and pressure from official and economic languages transform part of languages into minority languages, causing disuse, devitalization and devaluation, considering that a language is subject to extinction when its speakers use that language in an increasingly reduced number in communicative domains or fail to transmit it from generation to generation, the situation in which the Biafada language finds itself, the need arose to investigate, through a qualitative and bibliographical approach, the factors that influence the suppression of the ethnic languages of Guinea-Bissau, namely the Biafada language. Being a multilingual and intercultural country, containing more than 20 ethnic languages: Biafada, Manjaca, Papel, Mancanha, Balanta, Fula, Mandinga, Felupe, Bijagó, Djólas, Bayotes, Tandas, Bambaras, Nalus, Sussus, Cassancas, Saraculés, Padjadincas, Banhus, Banhucus, Djacancas, Soninkés, Nhómincas, Cobianas, among others, there was a time when these ethnic groups lived in isolated communities, that is, there was little ethnic interaction between the communities, which gave them solid and hereditary language status within their communities, thus leaving little chance of a speaker being born and growing up without knowing how to speak the language of their ethnic group. With the study, it is clear that ethnic interactions forced by colonization, the struggle for national independence, schooling and post-independence urbanization, culminating in the rise and prestige of the Portuguese language and Creole, among other aspects, caused the suppression of the ethnic languages of the Guinea Bissau. The Biafada language being a language used orally, by all generations, but only some members of the generation transmit it to their children, it becomes possible to demonstrate that it is losing spaces of use in terms of numbers of speakers; What demands the development of strategies that aim to raise awareness among the Biafadas in the preservation and transmission of their linguistic heritage, begins with a focus on orality - ethnic poetry, legends and myths, history and systematization through writing.

**Keywords:** Suppression of Languages; Ethnic Languages Guinea-Bissau; Quinara; Biafada.

## 1. INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país multilíngue e intercultural, contendo mais de 20 línguas étnicas: *Biafada, Manjaca, Papel, Mancanha, Balanta, Fula, Mandinga, Felupe, Bijagó, Djólas, Bayotes, Tandas, Bambaras, Nalus, Sussus, Cassancas, Saraculés, Padjadincas, Banhus, Banhucus, Djacancas, Soninkés, Nhómincas, Cobianas*, entre outras, houve época em que estes grupos étnicos viviam em comunidades isoladas ou seja, havia pouca interação étnica entre as comunidades por motivos das disputas territoriais, guerras interétnicas, preservação das rituais étnicos (casamentos, circuncisão...), e principalmente, a inexistência de um Estado-nação, resultando nas diversas formas de organizações sociais e dos costumes, o que lhes atribuía status das línguas sólidas e hereditária dentro das suas comunidades, deixando

pouca probabilidade de um falante nascer e crescer sem saber falar a língua do seu grupo étnico. As interações étnicas forçadas pela colonização, luta pela independência nacional, escolarização e a urbanização após a independência, culminou com ascensão e prestígio da língua portuguesa e o crioulo entre outros aspectos são fatores que determinam a supressão das línguas étnicas da Guiné-Bissau.

Como podemos constatar com o processo da urbanização da população da Guiné-Bissau segundo o Instituto Nacional de Estatística na Terceira Recenseamento Geral da População e Habitação 2009 - III RGPH/2009, de que a densidade excessivamente elevada no Sector Autónomo de Bissau - SAB, deve-se ao facto de se considerar apenas uma extensão da superfície que se mantém nos 78 km<sup>2</sup> desde a época colonial, o que na realidade, após a independência a superfície da capital estendeu-se com a construção de novos bairros.

Observa-se do mesmo que esta população encontra-se repartida de forma muito desigual no território nacional. Com efeito, mais de ¼ reside no SAB, seguido das regiões de Oio (14,9%), Gabú (14,2%), Bafatá (13,9%) e Cacheu (12,8%). As regiões de B/Bijagós e de Quinara são aquelas que apresentam menor número da população residente, correspondendo apenas a 2,2% e 4,2%, respectivamente. (GUINÉ-BISSAU. III RGPH/2009, P. 23).

Este estudo afirma ainda que:

A proporção elevada da população residente no SAB justifica-se certamente pelo facto do SAB ser a capital e o principal pólo de desenvolvimento da Guiné Bissau, quer pelo seu peso na estrutura económica do País quer pela sua dinâmica em termos de oferta de oportunidades de negócios, de emprego, de formação e, de realização técnico-profissional. (GUINÉ-BISSAU. III RGPH/2009, P. 23).

O fenómeno de ameaça de extinção dos idiomas tem ganhado atenção dos estudos de Sociolinguística e Ecolinguística desde seu surgimento, nas décadas 50 e 70 do século XX. A Sociolinguística, por exemplo, estuda a relação entre a língua e a sociedade, seu efeito e a maneira como é usado numa sociedade, sua variação (o que pode gerar o preconceito linguístico e conseqüentemente na restrição de espaço de uso de uma língua). A Ecolinguística por sua vez, estuda o aspecto das interações, seja entre duas línguas individuais, entre falantes e grupos de falantes, ou entre língua e mundo, preocupando e intervindo a favor de uma diversidade das manifestações e relações para a manutenção do pequeno. Uma vez que o bilinguismo e multilinguismo, assim como

qualquer relação entre duas ou mais línguas, contêm sempre uma relação de subordinação e dominação que serão sustentados por fatores mencionados ao longo do trabalho (políticos e sociais, econômicos, acadêmicos, religiosos etc.).

A internacionalização dos idiomas impulsionada pela expansão colonial e pela globalização, acompanhada dos outros fatores como catástrofes naturais, genocídios, epidemias, migração, a pressão das línguas oficiais e econômicas transformam os demais idiomas em minoritários, causando o desuso, desvitalização e desvalorização, segundo a Unesco:

Uma língua se encontra em perigo de extinção quando seus falantes deixam de usá-la ou, usam essa língua em um número cada vez mais reduzido nos domínios comunicativos e deixam de transmiti-la de geração em geração, resultando em inexistências dos novos falantes (tradução nossa<sup>2</sup>, 2003, p. 2).

De acordo com Bernard, “das 6.000 línguas faladas hoje em dia, 276 compreendem mais de 5 bilhões de falantes, todas as outras línguas, 95% delas, são faladas por apenas 300 milhões de pessoas”, o que evidencia que apenas 5% das pessoas no mundo falam 95% das línguas existentes. Ainda afirma que “se virarmos esse número para ver o problema, 95% da heterogeneidade cultural do planeta, 95% das diferenças nas formas de ver o mundo, está investido sob 5% das pessoas, e o problema piora a cada ano” (1996, p. 3).

Ainda, segundo a Unesco:

A África Subsaariana inclui cerca de um terço das línguas do mundo, atualmente, os africanos ainda se comunicam em mais de 2.000 idiomas, representando uma parte significativa da diversidade linguística do mundo e essas línguas apresentam grande variação tipológica. Estima-se que, até 10% das línguas africanas, especialmente aquelas faladas por pequenas comunidades de fala, podem desaparecer no próximo cem anos (2010, p. 20).

---

<sup>2</sup> “A language is in danger when its speakers cease to use it, use it in an increasingly reduced number of communicative domains, and cease to pass it on from one generation to next. That is, there are no new speakers, adults or children”.



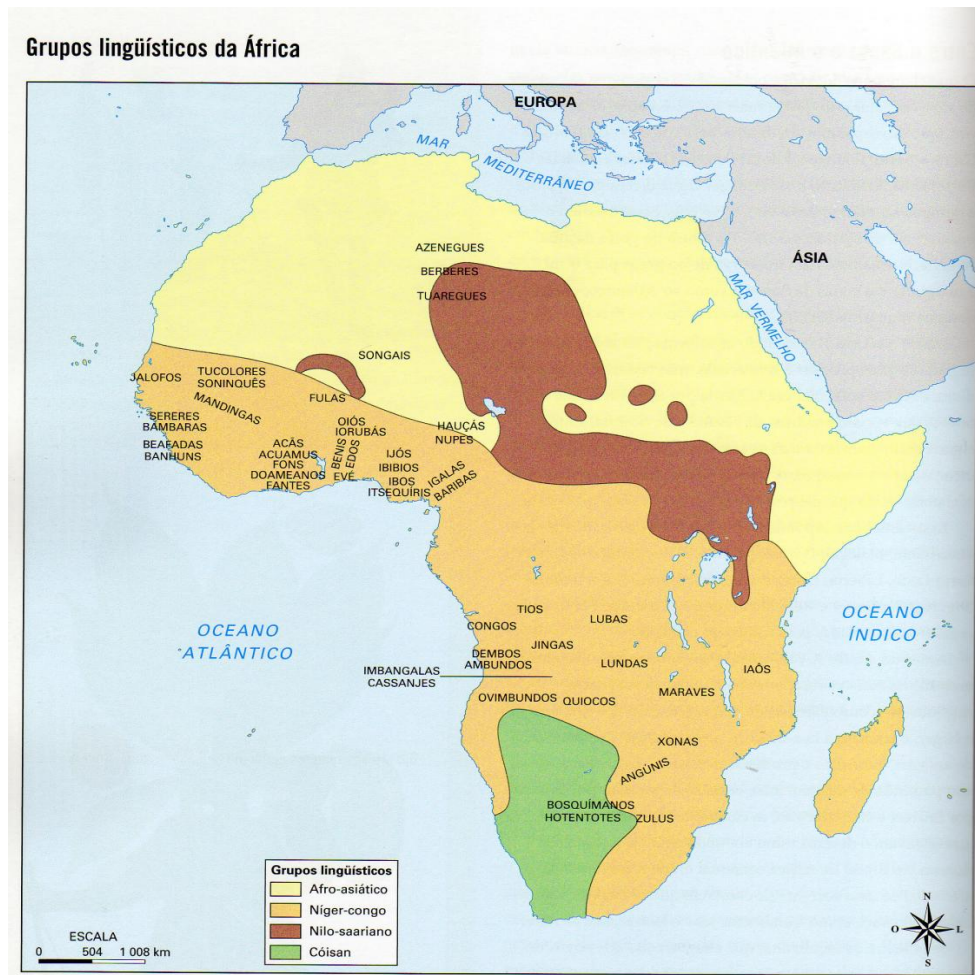
**Mapa 1. África Subsaariana em destaque verde, localização geográfica africana com línguas ameaçadas de extinção, segundo a UNESCO (2010). Fonte: <<https://11nk.dev/HeuWq>>**

Neste contexto, a língua Biafada sendo um idioma falado num país com menos de 2 milhões da população, localizado na África Subsaariana - Guiné-Bissau, e sendo falado apenas dentro de território nacional, isto é, não possui nenhum grupo de falantes deste idioma fora do país (diferentes das outras línguas nacionais como, Fula, Balanta e Mandinga), possuindo densidade étnica numa região que também possui apenas 4,2% da população nacional, segundo dados de terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação de 2009, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística, evidencia a restrição de espaço de uso desta idioma.

## **2. PANORAMA HISTÓRICO: AS LÍNGUAS EM ÁFRICA**

O continente africano possui quatro grandes famílias de línguas, nomeadamente a família nigero-congolesa (com 1436 línguas), a família afro-asiática (371 línguas), a família nilo-saariana (196 línguas) e a família khoisan (35 línguas) dados que segundo

Kialanda e Timbane (2023), levam investigadores a estimar em mais de 2000 línguas faladas no território.



Mapa 2. Tronco lingüístico do continente africano. Fonte: <<https://brasilafrika.fflch.usp.br/node/279>>.

As línguas maternas dos africanos geralmente são as línguas africanas, e as línguas que são empregadas como línguas francas são os vernáculos africanos que expandiram para além de seus grupos étnicos, como por exemplo: a língua Hausa, Wolof, Amharic, Suaíli e Lingala; e as baseadas em línguas europeias como: Pidgin Nigeriano, Krio e Kriol/guineense ou simplesmente, o crioulo da Guiné-Bissau.

Suaíli, por exemplo (idioma pertencente à família Bantus<sup>3</sup>), também conhecido como Swahili ou *Kiswahili*, é uma língua falada na região de África Oriental em (Burundi, Comores, Madagáscar, Malawi, Moçambique, Quênia, República Democrática do Congo, Ruanda, Somália, Tanzânia, Uganda e Zâmbia), e, é oficializado em Tanzânia, Quênia, República Democrática do Congo, Ruanda e Uganda, também se destaca como o único primeiro vernáculo africano oficializado na União Africana-UA. De acordo com Alegria, “a língua Suaíli passou por um grande crescimento durante o último século como resultado das políticas linguísticas dos governos coloniais e independentes”, e afirma ainda que “até o século XIX o Suaíli era estritamente um fenômeno litorâneo, falado como primeira língua por pessoas ao longo da costa do leste da África, da Somália a Moçambique e na costa norte de Madagáscar” (2000, p. 34).

Considerando ainda as colocações de Alegria (2000, p.38), também o Islão ajudou bastante na expansão do Suaíli, pois durante muito tempo, o Suaíli evoluiu como língua aceitando várias adaptações de palavras de idiomas orientais, o que se explica pela existência de mais de 6000 termos de origem árabe ou religiosa na vida dos Suaílis; o que outro lado, gerava a aversão dos missionários europeus no uso do Suaíli para a disseminação da fé cristã por motivo de associarem Suaíli com o Islão.

Para Martins Nobre (2021), apesar de menos conhecido como tal no ocidente, o Suaíli desempenhou papel da língua franca na África desde antes do século X, incentivado por situações e cenários interculturais, ultrapassou a fronteira entre várias tribos e pessoas; e ao longo do ano, fez parte fundamental da criação e fortalecimento da Tanzânia e passou a ser uma das partes indissociáveis do nacionalismo tanzaniano.

Por outro lado, o Lingala ou *Ngala*, é um dos idiomas oficiais da República Democrática do Congo (Kinshasa), e da República do Congo (Brazzaville), falado também na República Centro-Africana, Camarões, Gabão, Costa de Marfim e Angola por cerca de dez milhões de pessoas; na Europa, falado na França, Itália e na Bélgica, aqui na América, falado em EUA e Canadá (Kialanda; Timbane, 2023, p. 85-86). É uma

---

<sup>3</sup> Termo utilizado para se referir a um tronco linguístico que deu origem a diversas outras línguas no centro e sul do continente africano. Também é aproveitado para se referir ao conjunto de 300 a 600 grupos étnicos diferentes que povoam na mesma área.

língua com vários empréstimos das palavras do francês, inglês, espanhol e português. Tornando-se também um dos vernáculos africanos utilizados como a língua franca entre diversas etnias, como por exemplo em Angola, a “língua Lingala não possui o estatuto de língua oficial na República de Angola, porém língua franca entre diferentes etnias angolanas, especialmente no comércio e nas práticas culturais.” (Kialanda; Timbane, 2023, p. 86). De acordo com Ingouacka e Shimamungu:

as origens do Lingala não estão bem estabelecidas. Algumas fontes afirmam que o lingala vem do Losengo falado por um grupo de residentes ao longo do rio Zaire, na região de Equador entre Mbandaka e Makanza. Outros dizem que o lingala deriva do Kibangi, língua falada pelos pescadores da mesma região. Para outros ainda, uma única língua não pode estar na origem do Lingala, é o contato entre essas populações locais que teria dado origem a essa língua. No entanto, podemos dizer com certeza que o Lingala foi moldado e enriquecido por contribuições de várias línguas bantu. (1994, *apud* Kialanda; Timbane, 2023, p. 86)

Vale salientar que até na década de 1960, as línguas europeias eram adquiridas em África Subsaariana como línguas adicionais, hoje em dia, essas línguas tornaram-se também idiomas africanos, isto é, já não são vistas como idiomas estrangeiros adquiridos, mas sim, pertencentes e por essa razão, alguns pais nessas comunidades decidem criar seus filhos em línguas internacionais e francas pautando sempre em inserir seus filhos na conjuntura internacional e usufruir das vantagens dessas línguas para eles e para com seus filhos. Visto que a aquisição das línguas internacionais na atualidade é fomentado pela globalização e seus impactos positivos (o encontro entre diferentes culturas), na perspectiva de satisfação das necessidades acadêmicas, econômicas, tecnológicas, políticas e sociais, pautando sempre a proteção da integridade regional, nacional e dos interesses ligados a bem-estar social.

Considerando os exemplos anteriores, deste contexto no continente africano, e tendo em consideração o recente passado sociolinguístico da Guiné-Bissau, torna-se possível evidenciar que as línguas étnicas estão perdendo espaços de uso em termo dos números dos falantes cada vez mais em detrimento das línguas francas e oficiais. Alguns estudiosos (Ponso, 2017; Shohamy, 2006; Cunha, 2020; Silva, 2018; Cá, L.; Cá, C., 2013; Spolky, 2021; Djau, 2016; Leffa, 2006;) tem se preocupado com o desaparecimento das línguas e as suas hegemonias, fato que é comum e inerente às



várias sociedades, devido às necessidades socioeconômicas, acadêmicas, religiosas, etc. num mundo em que a integração é uma tendência crescente.

### 3. AS LÍNGUAS ÉTNICAS NA GUINÉ-BISSAU: A PRESENÇA DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA LÍNGUA CRIOULA/KRIOL



Mapa 3. A predominância dos grupos étnicos da Guiné-Bissau. Fonte: <<https://slideplayer.com.br/slide/389729/>>.

No caso da Guiné-Bissau, infelizmente, nenhum dos vernáculos do país se transformou em língua franca e muito menos oficial; a língua Crioulo<sup>4</sup> por exemplo, emergiu durante o contato entre a língua dos colonizadores - português e as línguas étnicas nacionais, e, “sofreu uma grande expansão durante a luta de libertação nacional, era a língua usada por revolucionários para transmitir as mensagens para seus compatriotas” (Embaló, 2010, p. 37-38 *apud* Djau, 2016. p. 9). Antes da luta de libertação nacional, o Crioulo era falado em sua maioria por pessoas que residiam nas

<sup>4</sup> Há autores que preferem usar o termo Língua Guineense, contudo, não há um consenso sobre o termo, no entanto, usarei o termo Crioulo/Kriol.

capitais políticas do governo coloniais, e era elo entre as pessoas de diferentes etnias que se concentravam nas grandes capitais.

Sendo uma língua franca da nação (que de ponto de vista histórico nasceu em Cacheu), veiculada nas grandes cidades, possuiu na altura as variações que hoje em dia são difíceis de se decifrar, de acordo com Couto , há as seguintes variações do Crioulo: “1. de Cacheu/São Domingo, em direção à fronteira norte e à costa; 2. de Bafatá e Geba; 3. de Bissau e Bolama, o mais difundido”, e ainda segundo ele, é possível acrescentar o “4. o de Ziguinchor, já no Senegal” (1989, p. 110). Durante a luta de libertação, o crioulo tornou-se uma verdadeira arma nas mãos do PAIGC (partido libertador), para informação, mobilização e incitação dos combatentes de liberdade da pátria, com isso, a luta armada do povo guineense constitui-se em dois objetivos: um político (que reivindica pela arma a independência política) e outro linguístico e cultural (que reivindicava a sua identidade nacional).

A medida que o crioulo se expande a par da língua portuguesa que era e, é até então a língua acadêmica da Guiné-Bissau e oficializada com a proclamação da independência em 1973, passa a ocupar o lugar da língua franca do país e tornando ao mesmo tempo, o maior símbolo da unidade nacional da Guiné-Bissau; visto que a diversidade linguística do país e vista por muitos guineenses como obstáculo para o progresso e criação da identidade nacional, como podemos constatar com Mourão , “ os pesquisadores guineenses chamam a atenção para a diversidade étnica como ponto principal a ser observado quando se trata do tema das identidades” (2009, p. 13).

No entanto, vale acentuar que a língua exerce um papel crucial na criação de identidade de um povo, através dele, seres humanos expressam sentimentos, constroem pensamentos, interagem com o ambiente e com outros indivíduos, podendo assim se sentirem num só e contemplados por usarem a mesma língua para comunicar.

O contato entre diferentes povos de mundo (continentes, países, Estados e as comunidades), resulta em um fenômeno de integração econômica, social e cultural, caracterizada pela intensificação dos fluxos de capitais, mercadorias, pessoas e informações, que é promovido pelo avanço técnico na comunicação e nos transportes,

denominado como a “globalização”; e, a língua sendo o objeto cultural e ocupando um papel relevante (pois, além de integrar a cultura, ela também a expressa, permitindo o intercâmbio e transmitindo a herança cultural), entretanto, por mais que haja a integração numa sociedade, haverá sempre a supressão e hegemonia das línguas que são o alicerce dessa integração.

Ponso, por exemplo, questionou a visão etnocêntrica da supremacia de algumas línguas sobre outras, a qual para ela, condiciona certa verticalidade no olhar do linguista ao avaliar a valoração das línguas em contato:

Quando no panorama do contato linguístico há a dominação de um povo sobre outro, a exemplo dos processos de colonização da América e da África [...] detentores do poder político, militar e econômico, delimitam artificialmente para o Estado uma região que abrange territórios de diversos povos e línguas, haverá uma relação de subordinação das línguas e supressão de direitos linguísticos (2017, p. 03).

No entanto, há situações em que muitas das vezes essa hegemonia é percebida e mesmo assim, pessoas optam por sujeitar-se pelos motivos que lhes conferem os benefícios; como defende Leffa que, “[...] devemos ensinar a língua estrangeira com o objetivo específico da solidariedade internacional” (2006, p. 9).

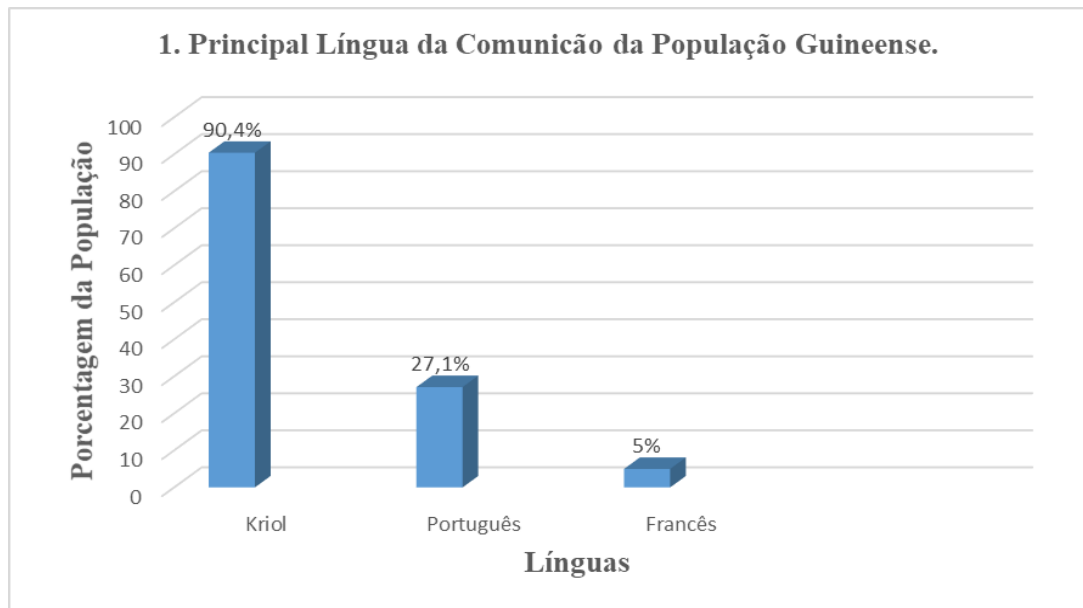
Com isso, percebe-se que a integração acelerada e forçada que o continente africano viveu com a expansão colonial e com efeitos da globalização, abrange a questão do contato e a hegemonia linguística. A língua portuguesa – língua oficial e o crioulo – a língua nacional da Guiné-Bissau são os exemplos deste fenômeno, isto é, pelo facto da Guiné-Bissau ser um país multilíngue e intercultural. Como declaram Silva e Carvalho, “no território guineense convivem cerca de 20 línguas étnicas, mais a língua nacional o crioulo, a língua oficial portuguesa, além de outras línguas europeias como o francês e o inglês” (2018, p. 2).

Sendo assim, a supressão das línguas na Guiné-Bissau torna-se visível pela diversidade linguística presente no país e pelo fato de existirem duas línguas que servem de ligação entre diversas línguas étnicas – a língua Crioulo e a língua portuguesa. A oficialização da língua portuguesa por exemplo, e o prestígio da língua Crioulo, condicionam as suas hegemonias. Também, o nível da socialização e escolaridade

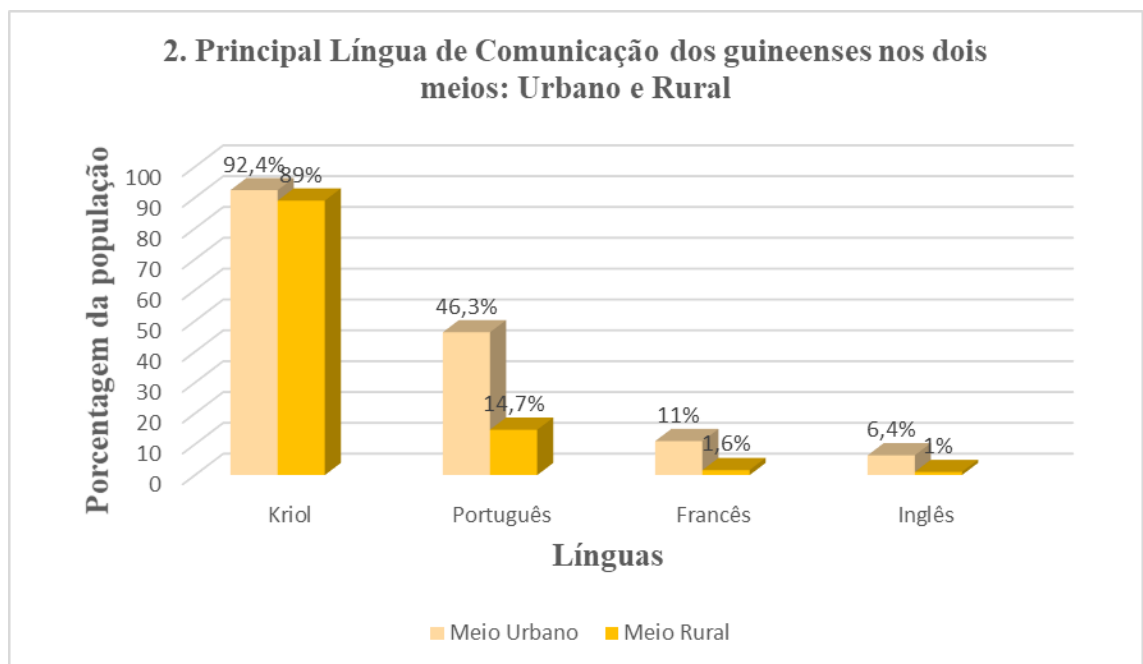
crescente no país e a necessidade das crianças se integrarem nas escolas públicas, privadas e técnicas, enfatizam o uso do crioulo e o português e consequentemente restringindo o uso das línguas étnicas, nesse caso, a língua Biafada - que é o foco do nosso trabalho, e que possui poucas pessoas que não falam o Kriol/Crioulo.

Estima-se que 80% da população guineense comunica-se com a língua crioulo, e que apesar do português ser a língua oficial, não é a primeira língua adquirida pelos guineenses, a língua Kriol/Crioulo é a primeira língua adquirida por 46% e 52% adquirem as línguas étnicas e 2% a língua *Wolof*; a língua portuguesa é adquirida só em ambiente escolar e usada também só em ambientes acadêmicos por 98% dos guineenses (cf. Rubio, 2021).

Segundo censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística em 2009, o Kriol é o principal meio de comunicação no seio da população, com efeito, é utilizado por 90,4% da população; e os falantes da língua portuguesa correspondem a 27,1%, e, apenas 5% sabe falar o francês. Ainda neste estudo, observa-se que o crioulo é a língua mais falada nos dois meios de residência, (92,4% da população que vive no meio urbano e cerca de 89% da população que vive no meio rural). Relativamente às restantes línguas, observa-se que existem diferenças importantes nos dois meios de residência, no meio urbano 46,3% desta população fala a língua portuguesa, cerca de 11% fala a língua francesa e 6,4% fala a língua inglesa, enquanto que, no meio rural, apenas 14,7% fala a língua portuguesa, 1,6% fala a língua francesa e a língua inglesa é falada por menos de 1% das pessoas (GUINÉ-BISSAU. III RGPH/2009).



**Gráfico 1. Censo de 2009. Instituto Nacional de Estatística da Guiné Bissau. Fonte:** <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp01w6634600z>



**Gráfico 2. Censo de 2009. Instituto Nacional de Estatística da Guiné Bissau. Fonte:** <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp01w6634600z>

Além de seu desempenho da língua franca interétnico, o Kriol domina também em maioria de vezes o espaço acadêmico guineense, contudo, não é a língua oficial e de

ensino formal no país. Por outro lado, como a maioria dos guineenses comunicam-se em língua Kriol, e o contato do português acontecer em sua maioria de vezes só nos anos iniciais do aprendizagem, os professores são obrigados a comunicarem por vezes em Kriol no sentido de facilitarem a compreensão dos alunos, e isso resulta em conforto de alguns professores em usarem mais Kriol na aula em relação ao português, o que negativamente cria a dificuldade dos estudantes guineenses em comunicarem na língua portuguesa mesmo terminando o ensino secundário.

Este tipo de realidade linguística em que Guiné-Bissau está inserida – o multilinguismo, concerne e chama atenção dos estudiosos linguistas, como afirma Shohamy, “os últimos anos testemunharam um interesse renovado em questões de políticas linguísticas [...], onde os estados-nação estão cada vez mais variados e diversos e, ao mesmo tempo, mais global e internacional” (2006, p. 68).

Diante do contexto da globalização referido por Shohamy, diversos mecanismos que acompanham este fenômeno também podem servir de instrumento de preservação das línguas, o caso da internet por exemplo, que “possui um papel paradoxal nesse contexto, pois, ao mesmo tempo em que contribui para a disseminação de línguas majoritárias e hegemônicas [...], pode auxiliar a ampliar a voz dos falantes de línguas minoritárias” (Cunha, 2020, p. 12).

Observa-se que tanto Shohamy e Cunha em seus trabalhos, preocupam-se em revelar e examinar os mecanismos específicos usados para criar políticas linguísticas e sugerindo as estratégias de resistência, ativismo e formas de proteger o direito linguístico de indivíduos e grupos. Entretanto, este trabalho também procurará examinar práticas linguísticas e os esforços de planejamento dos indivíduos, famílias, instituições públicas e privadas, defensores, gerentes nacionais e governos, assim como, revelar porque o gerenciamento dos idiomas nacionais é tão difícil, como também, demonstrar outras políticas com os quais um governo deve competir. Como afirma Spolky, “devido à importância da família no estabelecimento da escolha linguística das crianças, qualquer agência ou grupo que pretenda gerir a linguagem provavelmente falhará se não levar em conta a família” (2021, p. 23).

Baseado nos estudos citados e na realidade linguística contemporânea da Guiné-Bissau – que consiste no uso reduzido das línguas étnicas, nomeadamente, a língua Biafada, procura-se analisar e compreender os fatores que explicam a restrição do uso dessa língua étnica, partindo de abordagens sociolinguísticas, socioeconômicas, acadêmicas e políticas do país.

#### 4. SUPRESSÃO DAS LÍNGUAS ÉTNICAS: A LÍNGUA BIAFADA



Mapa 4. Região de Quinara em destaque branco, maior concentração da etnia Biafada. Fonte: <<https://clossvany.com/regiao-de-quinara/>>.

“*Bidjola*” é o mesmo que Biafadas<sup>5</sup> na nossa língua, somos um grupo étnico que está repartido no território nacional da Guiné-Bissau e com mais predominância na região de *Guínala*<sup>6</sup> (o mesmo que Quinara), divididos em quatro grupos, um pequeno grupo vive na margem de Rio Geba e falam o dialeto *Buwól*, dois grandes grupos que residem na região de Quinara, sul do país, falam dialetos *Bubwas* e *Bínala*, e um quarto grupo que vive na região de *Bwatambal* -Tombali falam o dialeto *Gagand*. Uma

<sup>5</sup> Minha etnia, e escrevo na perspectiva de quem acompanha de perto o corte/compressão desta língua em relação a heterogeneidade linguística presente no país.

<sup>6</sup> Significa na língua Biafada - não vira costa; não se dá costa; não se abandona.

língua falada por cerca de 29.500 pessoas e pertence ao tronco linguístico nigero-congolês, segundo Lopes (2023). Entretanto, estes quatro grupos estão divididos em três matrilineagens:

Quando me foi dito que os biafadas se dividiam em três «tipos», três *djurçom* (cr.) como me era dito em crioulo, três grandes matrilineagens – *massim* (pl.) / *bussim* (sing.) *malobal* (pl.) / *belôbal* (sing.), e *mabuadji* (pl.) / *bubadji* (sing.), pensei que agora sim, que agora cada pessoa teria muito a dizer-me sobre a sua matrilineagem. (Abrantes, 2011, p. 17).

Teixeira (1963: 81 *apud* Abrantes, 2011, p. 15) descreve a região de Quinara como um território com 3138 km<sup>2</sup> de savanas, florestas, mangais, pomares de cajueiros, campos de arroz e de milho, de feijão, amendoim, batata-doce e mandioca. Mangueiras, papaeiras, e também aldeias. Compostos por duas grandes penínsulas - *Guínala* e *Cubisseg*, cortadas a metade pela mais profunda e salgada do rio Grande de Buba.

Vale ressaltar que a povoação dos Biafadas, na Quinara, é resultado da migração forçada pelas divergências étnicas que tinham em seu território de origem, o Gabú, segundo Abrantes, “Biafadas e Padjadincas estavam no Gabú. Lá os Mandingas os encontraram. [...]. O Gabú é Biafada, o Gabú é Padjadinca, e Biafadas e Padjadincas são o mesmo” (2011, p. 9). Depois da chegada dos Mandingas, vieram os Fulas, que mais tarde brigaram com Mandingas e os Biafadas saíram em busca de terra. Andando em direção à Quinara e nomeando as terras em que acamparam por algum tempo, como na margem do Rio Geba, que a nomenclatura surgiu quando um deles sedento de beber a água parou para provar água do rio e acabou sabendo que era água doce, contente gritou ao colegas - *mandjéba gué* (é água doce!), *djéba* - doce, em língua Biafada, e o rio passou ser chamado de Geba; o mesmo aconteceu com *Badora* - cano de arma antiga e comprida dada pelo *irã*<sup>7</sup> aos Biafadas para um eventual guerra tribal, *Caur*, *Cossé*, *Mampáta*, *Cacande*, *Bôfa*, *Colubuia*, *Tchémára*, *Catumbála*, *Buám*, *Cumbidjã*, todos eram terras dos Biafadas:

Cossé-Marú onde o régulo fula ainda no tempo dos portugueses, sempre que matava vaca cortava a perna de diante e entregava aos

---

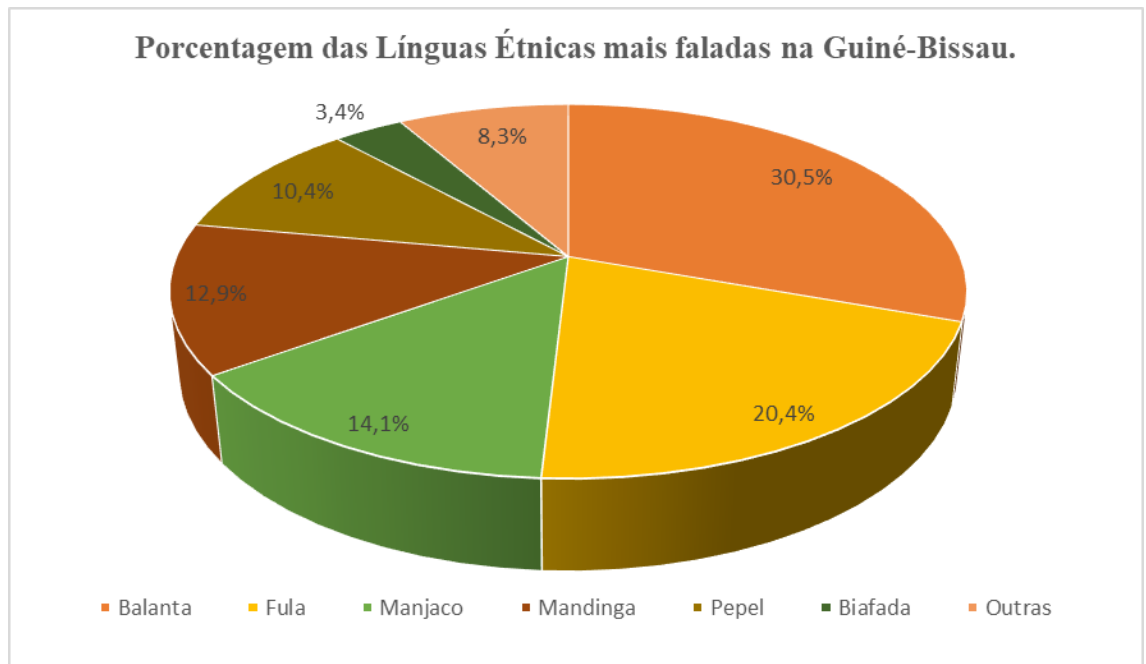
<sup>7</sup> Guiné-Bissau - espírito protetor e castigador, capaz de assumir diversas formas de seres (humano, serpente, jiboia, coruja...), geralmente é associado aos seres assustadores, capazes de fazerem magias e tirarem vida humana.



biafadas, para que naquela pedra, a cerimónia fosse feita. Mas os fulas vieram mais, e mais, e os biafadas seguiram para sul [...]. E no caminho do sul, chegando a Mampáta, os fulas já longe - *fooriéliba, iam ba foreana!* – “descansar, aqui vamos descansar!” - Forriá. E o Forriá era biafada - Colubuia, Tchémára, Catumbála, Buám, Cumbidjã, terras de biafadas. Mas outra vez os fulas vieram, e os biafadas de novo partiram atravessando o grande rio - *iam al ba iínara!*, “daqui não damos costas!” - Guinala, a Quinara dos brancos». (Abrantes, 2011, p. 9 - 10).

A consequente perda de territórios acima mencionados, e a acomodação em Quinara - *iam al ba iínara* - daqui não damos as costas, por motivo óbvio de não terem por onde ir, resultou na predominância étnica dos Biafadas, em Quinara. E, como a sociedade humana é inerente a transformações sociais, a sociedade de Quinara/Biafada da atualidade, resultou-se na fusão étnica domiciliar acelerada principalmente, pela dominação e perseguição colonial, e a luta de libertação nacional, e por consequente, a existência da sociedade miscigenada e a veiculação da língua franca, condiciona a restrição do uso das línguas étnicas.

A morte de uma língua de facto, começa com a supressão da mesma, e este facto deve-se aos vários factores aos quais discutimos ao longo do trabalho, começando desde seu espaço de uso no território guineense. A língua Biafada, sendo uma língua que possui o número dos falantes de 41.420 em 2002, correspondente a 3,4% da população guineense então, ocupando a sexta posição na tabela das línguas étnicas mais faladas na Guiné-Bissau, estando atrás da língua Balanta com 30,5%, Fula 20,4%, Manjaco 14,1%, Mandinga 12,9% e Pepel com 10,4%; o que implica que as restantes línguas étnicas são faladas por 8,3% da população, (Djau, 2016, p. 14). E por outro lado, tendo a língua Crioula e português como as maiores ameaças das línguas étnicas da Guiné-Bissau, percebe-se a supressão acelerada da língua Biafada.



**Gráfico 3. Línguas étnicas mais faladas na Guiné Bissau. Fonte: <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp01w6634600z>**

Essa cessação tornou-se perceptível na não herança da língua por parte dos filhos dos pais falantes da língua Biafada; o que é resultado do multilinguismo presente no país e do status da língua franca e oficial ocupado pela língua crioula e a língua portuguesa. Com o resultado disso, é possível afirmar que acima de 90% dos Biafadas comunicam-se mais com a língua crioulo no dia a dia, portanto, estando sujeitos a se afastar cada vez mais das suas identidades étnicas. De acordo com Couto (1989, p. 111-112 ), a porcentagem de monolíngues da etnia Biafada era de 0,7%, o que torna evidente a sua supressão, visto que boa parte dos falantes Biafadas estão sendo obrigados a se comunicarem em crioulo e português por questões sociopolíticas, econômicas do país.

Uma outra razão que dá a possibilidade de 0,7% dos monolíngues Biafadas se reduzirem ao longo dos anos é a crescente nível da escolarização, miscigenação das aldeias e a urbanização em todo território nacional no período depois da independência, porque o país passou a possuir outra configuração em termos das estruturas sociais, as aldeias que se isolavam passaram a se integrar e se acomodarem sob a perspectiva do

olhar guineense e não tribal e étnica, o que contribuiu de certa forma para expansão do crioulo nas zonas mais periféricas do país.

Se fizermos comparação do estudo de Djau (2016) com estudo de Lopes (2023), perceberemos a redução acelerada do uso da língua Biafada; no estudo de Djau baseado no censo de 2002, a língua Biafada possuía um número dos falantes de 41.420. De 2002 ao censo de 2009, num intervalo de sete anos, o estudo de Scantamburlo (2013, p. 28 *apud* Lopes, 2023, p. 373), subscreve que o número dos falantes Biafada é de 29.960, isto é, perdeu 11.460 falantes de 2002 a 2009. Em hipótese e observação, como membro da comunidade falante, é perceptível como este número tende a diminuir pelo facto da inexistência das políticas linguísticas de revitalização das línguas em ameaça da extinção por parte do governo guineense, o crescente nível da escolarização e outros fatores que acompanham progresso social guineense face a integração impulsionada pela globalização.

Tudo isso demonstra a nossa preocupação quanto à clara supressão das línguas étnicas na Guiné-Bissau, neste caso, a língua Biafada. Visto que, a dinâmica da hierarquia e supressão linguística começa a comprimir as línguas menos usadas na comunicação num dado espaço ecolinguístico. E vale destacar que a Guiné-Bissau já experienciou deste fatos com algumas línguas que dificilmente alguém saberia dizer o número dos falantes, muito menos encontrar pessoas que se declaram pertencer a essas etnias, a exemplo dos Baiotes, Banhus, Cassancas, Djacancas, Padjadincas, Soninkés, Nhomincas e Tandas.

Vale salientar que a realidade linguística presente hoje na Guiné-Bissau, além de ser impulsionada anteriormente pelo colonialismo, também é creditada pelo próprio Estado guineense e aceita pela maioria dos guineenses, começando com o próprio Amílcar Cabral, pai fundador da nacionalidade guineense e cabo-verdiana. Montezinho, em reportagem ao jornal online *Expresso da Ilhas*(2014), indica que Cabral afirmava que “a língua portuguesa é uma das melhores coisas que os portugueses nos deixaram”, ainda que fosse necessário que nosso ensino seja baseado em uma língua científica portanto, a língua portuguesa a que Cabral chamou de língua avançada em relação às

línguas étnicas guineenses, fundamentando que deveríamos aceitar tudo, o que de bom para poder acompanhar o progresso social.

A perspectiva em que Cabral definiu a língua portuguesa, como maior herança que os portugueses nos deixaram é lógica e evidente, os nossos conhecimentos até então, eram na sua maioria, senão todos, baseados em métodos empíricos e não científicos, o que limita de certa forma, a ter um conhecimento revolucionário em diversos domínios sociais (saúde, transporte, tecnologia...). Por outro lado, nenhuma das nossas línguas estavam codificadas e adaptadas para o ensino e aprendizagem acadêmica, apesar de então, o mundo já ter conquistado e avançado em vários conhecimentos como por exemplo, transporte/aviação, comunicação, medicina, etc.

Sendo que a hegemonia e prestígio de uma língua sobre as outras contem aspectos anteriormente mencionados, a língua portuguesa estava à frente em relação às línguas nacionais guineenses, isto é, faz parte da língua de reconhecimento científico internacional, garantido uma melhor difusão e visibilidade dos conhecimentos; a posição de Cabral a respeito da língua portuguesa não seria de se estranhar, porque ele sabia quais eram as vantagens de adotar esta língua para estruturação da nossa sociedade na altura.

Na visão de muitos, Amílcar Cabral temia que houvesse uma segmentação social ou falha na implementação das línguas nacionais no ensino guineense de então, alegando que as nossas línguas ainda não eram sistematizadas, admitiu ainda a existência dessa possibilidade no futuro, porém afirmou que a nossa língua de escrita então, deveria ser o português, chegando a dizer seguinte: “camaradas que pensam que, para ensinar na nossa terra, é fundamental ensinar em crioulo já, ou então em fula, em mandinga, em balanta”, declarando depois que, “a nossa língua para escrever é o português”, contudo, não proibiu que ninguém escrevesse em crioulo, mas apelou:

se queremos levar para a frente o nosso povo, durante muito tempo ainda, para escrevermos, para avançarmos na ciência, a nossa Língua tem que ser o português, até um dia em que, tendo estudado profundamente o crioulo, encontrando todas as regras de fonética boas para o crioulo, possamos passar a escrever o crioulo (Cabral *apud* Montezinho, 2014, p. 3).

Nas diretrizes de Cabral, é compreensível a visão de quanto é importante a inserção das línguas nacionais guineenses no ensino, porém, hoje em dia, pode-se afirmar a falta de interesse do Estado e do povo guineense em incentivar a inserção das línguas étnicas no ensino, torna-se evidente que o próprio Estado teme o mesmo motivo que o Cabral temia, o que se justifica com a não criação das políticas linguísticas voltadas à proteção e revitalização das línguas étnicas. Ao contrário da atual realidade política guineense, Cabral alertava a possibilidade de colonizadores portugueses aproveitarem das contradições existentes entre grupos étnicos para enfraquecer a luta da independência nacional:

Outras contradições hão, por exemplo na Guiné—há grupos étnicos, as chamadas tribos, que nós chamamos raças. Sabemos quantas contradições houve entre eles, em tempos passados, um passado por vezes não muito longe... E que os tucas podem explorar e exploram para provocar conflitos entre a nossa gente. Estas são algumas das contradições que queríamos explicar aos camaradas... Tanto na Guiné como em Cabo Verde, o nosso objetivo foi eliminar as contradições da melhor maneira, levantar toda a gente para pegarmos num objectivo comum: correr com os colonialistas tucas (Cabral, 1973, p. 16 *apud* Nanque, 2018, p. 14).

Uma outra verdade que não quer se calar, é a própria vontade de povo guineense, cada vez que se fala na inserção das línguas nacionais no ensino, gera uma confusão e desconforto entre os cidadãos, essa repugnância dos cidadãos na promoção de uso de certas línguas nacionais, incita o sentimento de inferioridade e de supremacia no pensar dos povo guineense, por outro lado, é entendido como possível maior causa da segmentação étnica no país.

Um exemplo disso foi quando o Ministro da Administração Pública anunciou o financiamento da Unesco para que o governo avaliasse a possibilidade de introdução da língua Crioulo e algumas línguas étnicas no sistema educativo guineense, facto que gerou a indagação em várias pessoas no que diz respeito às línguas étnicas (cf. Rádio Jovem Bissau, 2023).

Ao contrário da língua Crioulo que é a mais usada no território nacional, além de demandar a própria oficialização, a maioria dos guineenses clamam pela sua oficialização e próprio Estado consente. É óbvio, a língua Crioulo é a nossa maior

identidade nacional, nosso elo inter-étnico, nosso maior patrimônio, nosso conforto e a nossa alegria, com ela, nós nos sentimos um só e contemplados por uma única causa que exalta o nosso orgulho. Portanto, sua oficialização é bem vista e desejada pela maioria, sem restringir o uso das línguas internacionais, afinal, (melhor 2 que 1, melhor 3 que 2), quanto mais informados estivermos, mais preparados estaremos para acompanhar as forças e circunstâncias que o mundo globalizado exige.

Na verdade, há indícios sobre essa crença de possível segmentação étnica com a oficialização de “algumas línguas nacionais”, as eleições e os partidos políticos são resumos deste temor. A criação da nossa identidade como um Estado de direito que respeita a diferença cultural e a identidade étnica, começa em fazer uma escolha baseada nos princípios que vão em consonância com os princípios da dignidade humana, quero dizer, a diferença só é um direito se for afirmado com base na equidade social.

Falar de tribalismo separatista na Guiné-Bissau é tabu, mas na verdade é uma realidade experienciada várias vezes e visível; sobretudo, nas eleições para escolha dos dirigentes políticos do país e na filiação dos partidos políticos; o nepotismo, religiosidade e etnicidade são características da sociedade guineense no que concerne a política. Como afirma Cardoso , as organizações muçulmanas foram instrumentalizadas com intuito de criação de uma clientela política, apontando o Conselho Nacional Islâmico como satélite do partido PAIGC, e que a obediência e fidelidade dos dirigentes destas instituições foram asseguradas pela regular distribuição de prebendas, exemplificando as generosas atribuições de bolsas de peregrinação à Meca. E em contrapartida, o Estado nunca pronunciou sobre peregrinação a qualquer local tido como importante para praticantes de outras religiões, apesar de sempre defender sua postura de laicidade e de estruturas modernas do poder terem sido dominadas por indivíduos ligados às confissões cristãs (cf. 2006, p. 52).

Esta prática clivagem postula a obtenção do voto de grande massa dos muçulmanos existentes no país:

Esta prática foi continuada após a ascensão ao poder do Presidente Kumba Yala, com um empenho redobrado. Tendo enfrentado um rival muçulmano na segunda volta das presidenciais de 1999 de religião muçulmana e tendo terminado a contenda que opunha às chefias

militares no assassinato, em circunstâncias ainda por esclarecer, do Brigadeiro Ansumane Mané, entretanto erigido em herói nacional após o conflito de 7 de Junho de 1998, o Presidente Koumba Yala tem razões mais do que suficientes para não só não negligenciar o voto muçulmano como para investir decididamente numa política de cerco ao voto muçulmano, política esta que se assenta em três pilares: 1) nomeações a cargos públicos; 2) acções avulsas; atribuição de bolsas de peregrinação. (Cardoso, 2006, p. 52).

Vale salientar que o assassinato de então general Ansumane Mané no governo de Kumba Yala foi interpretado como resultado das clivagens étnicas, há ainda outros fatores que podemos mencionar para certificar o temor da segmentação étnica que o país vivenciou em alguns momentos como o caso de 17 de Outubro de 1985, as simbologias étnicas e religiosas usados por candidatos a presidência da República, e o fato de cada candidato geralmente, obter maior percentagem dos votos na região em que há predominância da sua etnia.

Apesar de Guiné-Bissau ser um país multilíngue, a predominância de uma certa etnia numa zona está longe de ser absoluta, e por uma outra realidade é que, é muito comum encontrar num membro familiar pessoas que resultam de cruzamento étnico, isto é, o pai e ou a mãe são de etnias diferentes, o que condiciona essa família a não adotarem uma língua étnica para se comunicar e por consequente, o crioulo assume seu papel de sempre - a língua franca. Essa e demais realidades linguísticas na Guiné-Bissau restringem a emancipação e promoção das línguas étnicas de certa forma.

A língua Biafada não foge desta realidade, apesar de ser grupo étnico com predominância na região de *Guínala/Quinara*, dificilmente se encontra uma aldeia em que residem apenas Biafadas e principalmente, nas maiores cidades da região (Buba, Fulacunda, Empada e Tite). No entanto, o Crioulo e o Português passaram a ser uma das melhores opções que se acomodaram com a realidade social neste contexto.

A factor religioso e económico também contribuem bastante, de forma significativa, na restrição de herança da língua; em geral, mesmo na maioria das pessoas pertencentes do grupo étnicos Biafada, Fula e Mandinga, tendem a serem muçulmanos, o que demanda o uso significativo da língua árabe nessas comunidades; além de existirem organizações não-governamentais - ONGs, voltadas à disseminação da

religião islâmica, há várias escolas, *madraca*<sup>8</sup>, em todo território nacional, facto que explica 50% de seguidores do Islamismo no país (cf. Pulsfort, 2010 *apud* Carvelli, 2012, p. 3).

Hoje em dia, dificilmente se encontra individuo pertencente à etnia Biafada a se autodeclarar não muçulmano, a disseminação islâmica atingiu de modo geral os Biafadas e vale ressaltar que foi implantada na sua maioria pela força e não por consentimento; como afirma Cardoso:

[...], uma das etnias da então Guiné que mais sofreu foi a Beafada. a conquista do território de Djoladú, mais tarde rebaptizado Forreá, testemunha a aplicação de uma tal estratégia. Esta primeira fase da luta para a implantação do Islão entre os “infiéis” Beafadas, e à qual os Fulas-pretos animistas deram importante auxílio, começou por pequenas escaramuças e delas resultou uma guerra de 20 anos (1868-1888) (2006, p. 47).

Além disso, a religião islâmica tem tido adesão por um número significativo de vários grupos étnicos presentes na Guiné-Bissau, como é caso da etnia Manjaca:

Os Manjacos há muito tempo que abraçaram a religião muçulmana. Há relatos de que na década 20 do século XX eles teriam convertido ao Islão por influência do Régulo de Pelundo, Vicente Cacante. Este, por sua vez, teria recebido educação dos Fulas e Mandingas no Gabú. Muitos Manjacos ter-se-iam deslocado a esta região leste do país para frequentar as escolas corânicas, em simultâneo com as portuguesas. (Cardoso, 2006, p. 55).

Tendo em conta a não alfabetização em língua Biafada (que é um factor determinante para a consistência de uma língua), o que não lhe oferece um espaço de uso como uma língua científica, e o fato de língua árabe ser língua religiosa, obriga os fiéis Biafadas à busca da redenção e como consequência, suprime o uso e a valorização da língua Biafada. O que pode ser comprovado com a constante migração dos seguidores do Islã para países vizinhos (Senegal, Gâmbia, Guiné Conacri, Mauritânia) e países do Oriente Médio (Turquia, Árabia Saudita, Qatar, Emirados Árabes Unidos, etc), na busca do conhecimento religioso.

Para Eberhard (2013), a eliminação das línguas que possuem menor número de falantes é um processo natural, pois todas as línguas do mundo estão sempre em

---

<sup>8</sup> Escola muçulmana ou uma casa destinada a estudos islâmicos.



processo de mudança, e o abandono das línguas minoritárias à favor de línguas majoritárias tem acontecido desde o tempo em que as primeiras sociedades humanas começaram a falar e entrar em contato umas com as outras, e para ele, essa mudança é provocada por fatores como guerra, morte, economia, ou simplesmente por pequenas decisões culturais que a longo prazo se transformam em grandes passos linguísticos.

Portanto, tendo em consideração o passado étnico Biafada, começando desde seu conflito étnico na sua primeira povoação Gabú, islamização forçada, e atuais decisões culturais no que diz respeito a procura de conhecimento religioso, de suprimir necessidades econômicas, acadêmicas e sociais; de modo geral, a língua Biafada está sendo consumida por um processo natural a que Eberhard se refere. E alerta ainda que:

Estamos pela primeira vez na história entendendo melhor as ramificações comunitárias (as perdas sociais e as perdas de identidade) implícitas nessas mudanças linguísticas, perdas que poderiam ser evitadas se decisões específicas forem tomadas antecipadamente pelas comunidades em questão (2013, p. 3).

A possibilidade de conhecer e entender as perdas sociais e identitárias que acontecem de forma implícita e impulsionada pelas mudanças sociais que poderiam ser evitadas com certas políticas linguísticas da comunidade em causa, é uma das razões principais deste trabalho. E, como é óbvio, não se pode pensar em planejamento linguístico sem começar com os membros familiares. Neste aspecto, é relevante destacar o nível de vitalização em que a língua Biafada se encontra em comparação ao modelo de escala de vitalidade linguística de Eberhard (2013, p. 7) baseado em modelo de Lewis e Simons (2010).

Baseando no modelo de vitalidade linguística adotado por Eberhard, a língua Biafada pode ser classificada no nível 6º b (Sexto b), o que significa é uma língua ameaçada, isto é, “o idioma é utilizado por via oral, por todas as gerações, mas apenas alguns membros da geração fértil o transmitem aos filhos” (Eberhard. 2013, p.7). Sendo assim, é uma língua vulnerável segundo a Unesco (2003, p. 2), visto que, deixa de ser transmitido para geração futura.

ESCALA DE VITALIDADE LINGUÍSTICA - EGIDS*			
NÍVEL	ETIQUETA	DESCRIÇÃO	(UNESCO)
0	Internacional	A língua é usada internacionalmente para uma ampla gama de funções.	Seguro
1	Nacional	O idioma é utilizado na educação, trabalho, meios de comunicação, e governo a nível nacional.	Seguro
2	Regional	A língua é utilizada para meios de comunicação e serviços governamentais locais e regionais.	Seguro
3	Comércio	A língua é usada para o trabalho local e regional, tanto por membros da comunidade como por pessoas de fora.	Seguro
4	Educacional	A alfabetização na língua está sendo transmitida através de um sistema de educação pública.	Seguro
5	Escrito	O idioma é utilizado por via oral, por todas as gerações e é utilizado informalmente na forma escrita em algumas partes da comunidade.	Seguro
6a	Vigoroso	O idioma é utilizado por via oral por todas as gerações, e está sendo aprendido pelas crianças como sua primeira língua.	Seguro
6b	Ameaçado	O idioma é utilizado por via oral, por todas as gerações, mas apenas alguns membros da geração fértil o transmitem aos filhos.	Vulnerável
7	Em Perigo	Os membros da geração fértil conhecem suficientemente bem a língua para usá-la entre si, mas nenhum deles está transmitindo-o aos seus filhos.	Definitivamente em perigo
8a	Moribundo	Os únicos falantes ativos da língua ainda vivos são membros da geração dos avós.	Severamente ameaçado
8b	Quase extinto	Os únicos falantes ativos da língua ainda vivos são membros da geração dos avós ou dos bisavós, que têm pouca oportunidade de usar a língua.	Em profundo perigo
9	Simbólico	A língua serve como lembrete da identidade ou herança cultural para uma comunidade étnica. Ninguém tem mais do que uma proficiência simbólica em termos de usar a língua.	Extinto
10	Extinto	Ninguém mantém mais um sentimento de identidade étnica associada com a respectiva língua, mesmo para fins simbólicos.	Extinto

(\*baseado em Lewis e Simons, 2010)

**Modelo de Escala. Vitalidade Linguística - EGIDS. Fonte: EBERHARD, 2013, p. 7.**

Para Eberhard (2013, p. 13), o início da perda da transmissão intergeracional é o momento mais crítico na mudança linguística, pois é o último momento quando algo pode ser feito para evitar a perda generalizada, e segundo ele, o mais apropriado neste nível é focar no fortalecimento do uso oral, e não uso escrito, porque a oralidade que

está sendo abandonado pela geração dos jovens. Este foco oral deve incluir os projetos de revitalização voltados à etnomusicologia, “poesia étnica, lendas e mitos, história, todos de forma oral e não escrita” (p.13).

A situação em que a língua Biafada se encontra é pior ainda em relação à perspectiva em que Eberhard situa as suas recomendações. A língua Biafada, como a maioria das línguas faladas na Guiné-Bissau, é uma língua que não possui a escrita, o que a torna mais vulnerável e com a extinção acelerada, visto que quando uma língua é escrita o falante consegue ver a sua língua, deixando assim de ser apenas ouvido ou possuindo apenas mecanismos mentais representada pela fala, o que pode ajudar esses falantes a terem atitude linguística de preservação da sua língua, uma vez que essa língua servirá de suporte e armazenamento cultural dos prestígios étnicos por meio da escrita; ao mesmo tempo, será utilizado pelo falante em diversas circunstâncias de vida.

## **5. Considerações Finais**

Ao longo do trabalho, indicamos os fatores que restringem o espaço de uso da língua, que aqui retomamos para as considerações finais. No primeiro momento, mencionamos multilinguismo presente na Guiné-Bissau e os fenômenos relacionados à ameaça de extinção das línguas, destacando a globalização e os seus impactos na internacionalização dos idiomas, nomeadamente no processo de colonização que de certa forma acelerou a integração linguística no continente africano.

Abordamos também o uso dos alguns vernáculos africanos que se expandiram além das suas fronteiras étnicas tornando-se línguas francas em vários países e de algumas línguas que emergiram durante o contato dos vernáculos africanos com as línguas estrangeiras e ao mesmo tempo transformando-se em línguas francas, contendo maior número de falantes em relação às línguas anteriores ao seu surgimento, como é o caso de Crioulo guineense/Kriol.

A língua Biafada estando inserida num território multilíngue com mais de 20 grupos étnicos, incluindo a língua franca Kriol e oficial Português, apresenta cada vez

menos números dos falantes por motivo de não herança da língua por crianças cujos pais são falantes, tendo uma percentagem de monolíngues, menos de 0,7%, e fazendo parte de mais de 2.000 idiomas falados na África Subsaariana a qual, segundo estimativa da Unesco (2010), 10% dessas línguas, principalmente aquelas faladas em comunidades pequenas, tenderão a desaparecer nos próximos cem anos, portanto, este trabalho buscou entender fatores que condicionam a supressão da língua Biafada, com o intuito da criação das políticas linguísticas, para preservação dessa língua.

No entanto, observamos que os falantes da língua Biafada estão sendo absorvidos por diversos fatores mencionados ao longo do trabalho e esses fatores não só restringem o espaço de uso da língua Biafada, como também deixam essa responsabilidade para falantes Biafadas que por sua vez, sujeitam-se à atitude linguística de cada família e indivíduo.

Vale ressaltar que a ideia de preservação de uma língua étnica é de direito íntegro de cada indivíduo/falante, isto é, cada falante tem direito de escolher qual língua utilizar, seja a língua materna, de prestígio nacional ou internacional, não obstante existir políticas de preservação estatais, das ONGs ou da própria família e comunidade, essas políticas enfrentam desafios econômicos, acadêmicos, ecolinguísticos da região onde se encontra. Contudo, é de extrema importância a preservação da nossa identidade linguística, ao perder a nossa língua perdemos o elo com os nossos antepassados, desconhecemos da nossa história e restringimos mais um aspecto de ver e entender o mundo.

Portanto, um das principais desafios que os falantes da língua Biafada devem enfrentar no sentido de usufruir e assegurar direitos linguísticos, assim como a elaboração de estratégias que visem conscientizar os falantes da língua Biafada na preservação e transmissão de seu patrimônio linguístico, que começa no foco na oralidade - poesia étnica, lendas e mitos, história e na sistematização da língua Biafada por meio da escrita, o que possibilitará o uso maior da língua, criando assim, mais afeição entre o falante e a própria língua, visto que o falante passará a poder ver sua língua escrita no papel, deixando assim de ser apenas a representação mental por meio da fala e passando a ter um caráter consistente e hereditário, podendo ser aprendido e

transmitido sem uma interação social recíproca, e ao mesmo tempo, os falantes não serão obrigados a abandonarem suas línguas por circunstâncias diversas.

## 6. REFERÊNCIAS

ABRANTES, M. P. A. de B. **Os chãos dos biafadas: Memória, território e posse da terra em Quinara, sul da Guiné-Bissau.** Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, 2011. Repositório Iscte. <<http://hdl.handle.net/10071/5137>>.

ALEGRIA, Renné Panduro. **A construção de uma língua oficial africana: o suaíli na Tanzânia.** 2000. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/D.8.2000.tde-07092022-094537>>. Acesso em 19 set. 2023.

BERNARD, H. Russell. **Language Preservation and Publishing.** University of Florida. 1996. Disponível em: <<https://hrussellbernard.com/wp-content/uploads/2020/07/bernard-1996.language-preservation-and-publishing.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2023.

CÁ, Lourenço Ocuni; CÁ, Cristina Mandu Ocuni. Políticas públicas em educação: um apanhado histórico. **ETD - Educação Temática Digital, Campinas.** SP, v. 17, n. 1, p. 88-106, jan./abr. 2015. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6821>>. 10 abr. 2023.

CARDOSO, Carlos. **As Tendências Actuais do Islão na Guiné-Bissau.** Bissau: INEP, Guiné-Bissau, 2006.

CARVELLI, Urbano. **A democracia nos estados islâmicos: variáveis determinantes da compleição no limiar do século XXI.** Revista de informação legislativa, v. 49, n. 194, p. 173-203, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496585>>. Acesso em 06 set. 2023.

COUTO, Hildo Honório do. O crioulo guineense em relação ao português e às línguas nativas. **Linguística, [S. l.],** v. 29, n. 1, p. 107–128, 1989. DOI: 10.4312/linguistica.29.1.107-128. Disponível em: <<https://11nq.com/GQzra>>. Acesso em 02 set. 2023.

COUTO, Hildo Honório do. O que vem a ser ecolinguística afinal? **Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.],** v. 14, n. 1, p. 275–312, 2013. DOI: 10.26512/les.v14i1.22250. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/22250>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

COUTO, Hildo Honório do. Linguística Ecolinguística. **Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL), [S. l.],** v. 1, n. 1, p. 47–81, 2015.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967>. Acesso em: 21 nov. 2023.

CUNHA, Evandro L. T. P. (2020). A Web como ferramenta de suporte à preservação e à revitalização linguística. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 3, p. 01-14. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/250>. Acesso em: 11 abr. 2023.

DJAU, Rachido. Situação Sociolinguística, Cultural e Étnica na Guiné-Bissau e sua Implicação. In. **RECIT**. Universidade Federal do Paraná – UFPR. Curitiba, 2016. v. 2, n. 12, p. 111-124, jul./dez. 2015.

EBERHARD, David M. Em Defesa das Línguas Minoritárias do Brasil. **Associação Internacional de Linguística SIL- Brasil**. Anápolis - GO, 2013. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/fIX89>>. Acesso em 11 out. 2023.

GUINÉ-BISSAU. Instituto Nacional de Estatística. **III Recenseamento Geral da População e Habitação 2009 - III RGPH/2009**. Disponível em: <<https://encr.pw/N3i4d>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

KIALANDA, Kialunda Sozinho; TIMBANE, Alexandre António. A Língua Lingala como língua nacional, internacional, de identidade e da cultura angolana: política linguística crítica. In: TIMBANE, Alexandre António; FREITAG, Raquel Meister Ko. **As Línguas africanas e o português na África lusófona: reflexões, descrições e políticas de ensino**. Home Editora, Belém - PA, 2023. Disponível em: <<https://11nq.com/BMyt8>>. Acesso em 11 out. 2023.

LEFFA, V. J. Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional. In: KARWOSKI, Acir Mário; BONI, Valéria de Fátima Carvalho Vaz (Orgs.). **Tendências contemporâneas no ensino de inglês**. União da Vitória, PR: Kaygange, 2006, p. 10-25.

LOPES, Mário Alexandre Garcia. Uma proposta preliminar de descrição fonética e análise fonológica das consoantes da língua Biafada/Guiné-Bissau. **Revista de Linguística**, Universidade Federal de Ceará - Fortaleza, 2023. disponível em: <<https://acesse.dev/N9e7w>>. Acesso em 6 out. 2023.

MARTINS NOBRE, C. A África do Kiswahili: Um Estudo sobre a Influência Política da Linguagem. **Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional**, [S. l.], v. 14, n. 26, 2021. Disponível em: <<https://ury1.com/CNGWy>>. Acesso em: 19 set. 2023.

MONTEZINHO, Jorge. *A Língua Portuguesa é uma das melhores coisas que os portugueses nos deixaram*. Extraído do jornal *Expresso das Ilhas* (Cabo Verde). Publicado em: 30 jun. 2014. Disponível em: <<https://11nq.com/MVN46>>. Acesso em 02 set. 2023. .

MOURÃO, D. Ellery. Guiné-Bissau e Cabo Verde: identidades e nacionalidades em construção. **Pro-posições**. Unicamp, 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pp/a/PpLHSzQHkJ8Lgmg58McLBRB/?lang=pt>>. Acesso em: 21 maio. 2023.

NANQUE, Zinha. **Língua e a resistência: papel do crioulo na luta de libertação nacional da Guiné-Bissau (1960 a 1973)**. 2018. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.

PONSO, Leticia Cao. Situação minoritária, população minorizada, língua menor: uma reflexão sobre a valoração do estatuto das línguas na situação de contato linguístico. **Gragoatá**, Niterói, v.22, n. 42, p. 184-207, jan.-abr. 2017.

RÁDIO JOVEM BISSAU. **O Executivo pretende introduzir as línguas nacionais no Ensino Guineense pautando uma Educação Inclusiva**. Bissau, 28 mar. 2023. Rádio Jovem Bissau. Disponível em: <<https://fb.watch/mTgI1YgeQw/?mibextid=Nif5oz>>. Acesso em: 05 set. 2023.

RUBIO, Cássio Florêncio. Multilinguismo nos PALOP: Perfil Sociolinguístico e Avaliação linguística em Guiné-Bissau. **Revistas de Letras**. Centro de Humanidades Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/65528>>. Acesso em: 21 maio. 2023.

SHOHAMY, Elana. **Language Policy: Hidden agendas and new approaches**. London: Routledge, 2006.

SILVA, Ciro Lopes; CARVALHO, Gislene Lima. **Multilinguismo na Guiné-Bissau: a interferência do crioulo na língua portuguesa falada e escrita por guineenses**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras - IHL, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1819>>. acesso em 27 de junho de 2023.

UNESCO. 2003. **Language Vitality and Endangerment**. Disponível em: <[https://pure.mpg.de/rest/items/item\\_1468187/component/file\\_1468185/content](https://pure.mpg.de/rest/items/item_1468187/component/file_1468185/content)>. Acesso em: 20 maio. 2023.

UNESCO. 2010. Atlas of the World's. **Languages in Danger**. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000187026>>. Acesso em: 20 maio. 2023.